



**“E OS VÍRUS CONTINUAM...”: OS DESAFIOS DA
CIÊNCIA E DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NO
ENFRENTAMENTO DO HIV/AIDS, A PARTIR DE *AND
THE BAND PLAYED ON* (1993)¹**

Miguel Rodrigues de Sousa Neto*

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

miguelrodrigues.snetto@gmail.com

Robson Pereira da Silva**

Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM

rpsknight@gmail.com

RESUMO: A partir do filme *And the Band Played On* (1993) da rede de TV HBO, dirigido por Roger Spottiswoode, busca-se compreender a recorrência de imagens acerca dos desafios da ciência e dos movimentos sociais no enfrentamento de epidemias nos últimos 40 anos, notadamente daqueles ligados ao vírus HIV, causador da AIDS. Consideram-se dois aspectos norteadores: a) a eclosão de pandemias, em governos conservadores e reacionários; b) o empreendimento de mediações culturais por parte das mídias televisivas que assumem o papel na divulgação de informações sobre as doenças e suas respectivas vítimas, na medida em que o estado se abstém de agir no espaço público do enfrentamento da crise de saúde pública.

PALAVRAS-CHAVE: HIV/Aids; Cinema; Conservadorismo/Reacionarismo; Mediação Cultural.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001.

* Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Aquidauana. Coordenador do Laboratório de Estudos em Diferenças & Linguagens – LEDLin (dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0636216826961060). Membro da Rede de Pesquisa em História e Culturas no Mundo Contemporâneo. Doutor em História pela Universidade Federal de Uberlândia. OrcId: <https://orcid.org/0000-0001-9672-3315>.

** Pós-doutorando em Educação, Arte e História da Cultura pela UPM. Doutor em História pela Universidade Federal de Uberlândia. Membro da Rede de Pesquisa em História e Culturas no Mundo Contemporâneo. Pesquisador do Laboratório de Estudos em Diferenças & Linguagens – LEDLin (dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0636216826961060) e do Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura (NEHAC/UFU).

"VIRUS CONTINUING ..." THE CHALLENGES OF SCIENCE AND SOCIAL MOVEMENTS IN COMBAT HIV/AIDS, FROM *AND THE BAND PLAYED ON* (1993)

ABSTRACT: Based on the HBO TV movie *And the Band Played On* (1993), directed by Roger Spottiswoode, we seek to understand the recurrence of images about the challenges of science and social movements in facing epidemics in the last 40 years, notably linked to the HIV virus, which causes AIDS. Two guiding aspects are considered: a) the outbreak of pandemics in conservative and reactionary governments; b) the undertaking of cultural mediations by the television media, which assumes the role in the dissemination of information about diseases and their causes, as the state refrains from acting in the public space to face the public health crisis

KEYWORDS: HIV / AIDS; Cinema; Conservatism / Reactionaryism; Cultural Mediation



Figura 1: A personagem Don Francis, vivida por Matthew Modine, no filme *And the band played on* (1993). Screenshot do Filme. **Fonte:** HBO, 1993

Jim: Por que você trabalha para o governo?
Don: Pois é lá que está o dinheiro e a doença...vírus, vírus, vírus.
And the band played on

O presente artigo foi escrito em meio ao estado de emergência e calamidade da saúde pública, sobretudo devido a falta de estratégia do governo executivo federal brasileiro no enfrentamento contra o coronavírus em seu lastro pandêmico, disseminado

nos mais diversos países ao redor do mundo, em 2020. O SARS-CoV-2 foi detectado na cidade de Wuhan, na China, ainda no final do ano de 2019. Esse vírus é o causador da síndrome respiratória aguda grave e se tornou um ponto de demonstração da fragilidade e colapso dos sistemas de saúde dos países. Não bastando essa grave crise sanitária e de saúde pública, em dezembro de 2020, o Ministério da Saúde, no Brasil, “deixou vencer o contrato e suspendeu os exames de genotipagem no Sistema Único de Saúde (SUS) para pessoas que vivem com HIV, AIDS (a doença causada pelo vírus) e hepatites virais” (ESTADÃO, 2020, s.n.). Isso acontece após o Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, afirmar que pessoas com HIV são uma despesa para o país.² Nesses termos, no Brasil, estamos vivenciando uma espécie de política da indiferença, da precariedade e das práticas governamentais necrófilas. Essa hostilidade machocrata³, aliada à prostração frente ao capital financeiro, desconsidera a luta desses corpos e dos movimentos sociais contra o estigma social e pelo direito aos tratamentos de saúde adequados, bem como a luta de quase quarenta anos de médicos e cientistas para encontrar a vacina contra o HIV e a cura da AIDS. Ademais, esquece-se que a luta e o tratamento contra essa doença historicamente se tornaram política de estado e não de governo.

A administração tecnocrática e financeira que coloniza e precariza a vida e a existência de determinados sujeitos diferentes do homem heterossexual cisgênero branco e eficaz na acumulação de lucro por despossessão da outridade se tornou plataforma política e de governo, em um ordenamento social guiado pela racionalidade neoliberal em seu cunho desumano de monetização da vida. Segundo Nancy Fraser (2009), a guisa do signo do “novo espírito” do capitalismo pós-fordista, o

² Em 5 fevereiro de 2020, em frente ao Palácio do Alvorada, o presidente Jair Messias Bolsonaro afirmou para imprensa que as pessoas que vivem com HIV são uma despesa para o país. Essa declaração pode ser vista em: JORNAL DA GLOBO - “Uma pessoa com HIV é uma despesa para todos aqui no Brasil”, diz Bolsonaro. *Globoplay*. 5 de fevereiro de 2020. 1 vídeo (2 min). Telejornal exibido em 5 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8298412/>. Acessado em: 16 de dezembro de 2020.

³ É uma prática política que está calcada na “dominação masculina [que] hoje mais do que nunca, travestiu-se num discurso de ódio proferido publicamente, principalmente, por homens brancos e de classe média, heteronormativos contra os direitos humanos e às diferenças, configurou-se como o principal traço da política ocidental e brasileira. Estamos diante de uma ‘androcracia’ ou ‘falocracia’, mas em concordância com o psiquiatra Luís Fernando Tófoli prefiro chamar de ‘Machocracia’ - regime político em que seres humanos do gênero masculino dominam a cena política e transformam o machismo, a misoginia, a lgbtobia e o repúdio às diferenças numa pauta política que visa a precarização e muitas vezes eliminação de vidas que, na visão desse regime, não merecem ser vividas”. (GOMES, 2019, p. 147)

neoliberalismo em ascensão incide no desejo de apagar e reprimir toda a memória de igualitarismo social, sendo uma forma emergente do capitalismo conformista de uma cultura corporativista com ênfase no trabalho inerentemente sem sentido e de acumulação infinita de poucos, em conjunto com a configuração de políticas de encolhimento do Estado, inclusive destituindo populações do acesso a serviços públicos.

Esse posicionamento tem se incumbido da violência ética que estabelece quais corpos têm o direito de existir e são passíveis de luto, ao mesmo tempo que produz o seu revés, determinando quais corpos são descartáveis e vistos como sem utilidade para a manutenção do capital em sua lógica de mercado. A estruturação dessa perspectiva necropolítica⁴ é efeito do refluxo reacionário e conservador que têm assumido alguns quadros de estado nos últimos anos, sobretudo, em sua caracterização religiosa moralista cristã, que se atribuiu a tarefa de fomentar o descrédito das diferentes especialidades científicas, promovendo assim o negacionismo histórico e científico⁵, com o intuito cínico de manter as lógicas de mercado e a precarização da vida, como estratégia de conservação das desigualdades e extermínio das diferenças em seus marcadores de raça, classe e gênero. Assim, tal projeto de sociedade tem logrado para o desaparecimento humano da solidariedade e a perda do aspecto comunal do mundo.

Esse processo parece atualizar um passado recente, remonta à eclosão da epidemia da AIDS, nos Estados Unidos da América, no contexto do governo do presidente republicano Ronald Reagan, que privilegiou investimentos na segurança e

⁴ Segundo Achille Mbembe, a necropolítica acontece a partir de atos de governabilidade (gestão) dos corpos, e são capazes de decidir quem deve viver e quem deve morrer. Ou seja, trata-se das relações entre poder e morte. O autor detecta esse empreendimento a partir da constituição do Estado moderno em iniciativas coloniais e seus respectivos dispositivos que operam historicamente na lógica do poder. A gestão de morte produz e conduz gerenciamentos de condições mortíferas, a partir do controle marcado pelo risco indistinto dos limites entre a vida e a morte. Cf.: (MBEMBE, 2018).

⁵ Bruno Latour aponta para o negacionismo não como uma falha cognitiva, mas como um projeto político calcado no escapismo. “Mas o negacionismo não é apenas uma questão cognitiva. Não são pessoas que não sabem pensar ou que não têm capacidade intelectual de responder. Trata-se de uma decisão já muito antiga, que chamo de ‘escapismo’, ligada à definição da Terra e da forma de habitá-la que nos é trazida por dois tipos de ciência: as ciências da Terra, de um lado, e as ciências da Saúde, do outro, no caso do vírus. [Essas ciências] são negadas não porque não são entendidas, não para simplesmente contestar os cientistas, mas porque elas vão contra a ideia de que podemos escapar da situação terrestre. Então [o problema] é muito mais grave do que um déficit cognitivo. É por isso que ‘negacionismo’ é um termo um pouco fraco [para exprimir] a ideia de que é possível escapar à força de atração terrestre, e que os outros que são deixados para trás — left behind, como se diz nos EUA — não contam. Então é uma expressão muito mais dura e violenta, que, infelizmente, vocês estão vendo de uma maneira extremamente acentuada no Brasil — porque há também no país uma violência militar, policial e, claro, ecológica. Ou seja, [os escapistas] são pessoas que tentam cortar todos os laços legais, morais, estéticos e afetivos com a Terra porque acham que podem ir para outro planeta. (LATOUR, 2020, p. 2-3).

defesa nacional, ao mesmo passo em que era indiferente e ignorava os corpos que pereciam diante da doença transmissível sobretudo sexualmente e pelo sangue, negando investimentos para saúde e pesquisa científica sobre que, depois, se saberia ser o vírus HIV. Isso nos faz voltar para os debates presentes no filme **And the band played on** e, por conseguinte, nos questionarmos sobre o que aprendemos em quatro décadas de lutas contra o vírus HIV e a AIDS.

A sequência inicial de **And the band played on** (no Brasil, **E a vida continua...**), filme dirigido por Roger Spottiswood e feito pela rede de TV à cabo norte-americana HBO, em 1993, mostra jipes da Organização Mundial de Saúde (OMS) chegando por uma estrada de terra avariada a um vilarejo de choças. Sob copiosa chuva, duas pessoas descem de um dos veículos. Uma delas é a personagem apresentada na Figura 1, Don Francis, vivida por Matthew Modine. A origem laboral, evidenciada pelo close na logomarca da Organização Mundial de Saúde no automóvel e na indumentária, cujos os focos nos preparam para centrar o nosso olhar na grande máscara e no jaleco de Don Francis e de seu amigo, indicam que são agentes de saúde, possivelmente médicos. O uso de uma máscara que lhes cobre todo o rosto, com um grande filtro na lateral, materializam imagetivamente o medo de que algum agente nocivo possa se intrometer no corpo humano pela boca, pela respiração ou pelos olhos. Há uma imagem por trás dessa: a de um perigo que não pode ser visto, mas está à espreita. Don e seu colega estavam diante do desconhecido. As legendas informam o lugar, um vilarejo às margens do rio Ébola, no Zaire, e o ano, 1976. As cabanas estão vazias, assim como o hospital da comunidade. Depois de vagar pela vila, as personagens são guiadas por uma criança até que uma pilha de corpos seja encontrada. Aquelas pessoas tinham sido vitimadas pelo que se conheceria depois como febre hemorrágica Ebola. E a imagem dos corpos sendo cremados em uma grande pira acesa pelos dois médicos permaneceria nas memórias de Don Francis.

A imagem de Don Francis, com seu jaleco e sua máscara, não causa estranhamento no final de 2020. Desde os últimos dias de 2019 a população mundial tem convivido cotidianamente com imagens parecidas e até idênticas: a atual pandemia causada pelo SARS-CoV-2 – síndrome respiratória aguda grave coronavírus 2 – que foi detectado em Wuhan, na China, e espalhado por praticamente todos os pontos do globo, gerando uma crise médica e sanitária mundial cujos precedentes mais próximos

referentes à rapidez e modo de contágio se encontram um século antes, com a pandemia da Gripe Espanhola.

A trama dirigida por Spottiswood, entretanto, não está centrada no Ebola, nem na Gripe Espanhola, ou mesmo na pandemia de Covid-19: baseada no *best seller* homônimo de jornalismo político escrito por Randy Shilts e publicado em 1987, **And the band played on** se volta para os anos iniciais – e cruciais – da pandemia de HIV/Aids. O cenário político conservador expresso pelos dois mandatos consecutivos de Ronald Reagan na presidência dos Estados Unidos da América, a resistência às políticas reacionárias por parte dos homossexuais organizados, e o drama que assolou os atingidos pela epidemia e os profissionais que se envolveram diretamente na busca pelo agente causador da doença e sua cura norteiam o texto de Shilts e a câmera de Spottiswood. A estética do filme é carregada de imagens documentais retiradas de cenas de telejornais e materiais de imprensa amalgamados com o enredo centrado na saga do personagem Don Francis e de outros médicos pesquisadores no rastreamento genético do vírus HIV. Assim, a maneira que a história e a narrativa se desenrolam atrelam laços fortes entre ficção e os acontecimentos registrados historicamente, mantendo parte do tom informativo e pedagógico contido no livro homônimo ao filme.

Os períodos destacados têm algo em comum, no que se refere às questões políticas e, conseqüentemente, também no tocante aos movimentos sociais: a crise causada pelo Ebola ocorreu durante o longo governo ditatorial de Mobutu, instalado em 1965 e encerrado trinta e dois anos depois; a epidemia de HIV/Aids, se instalou no contexto de ascensão do conservadorismo com a vitória do republicano Ronald Reagan, que governou os Estados Unidos da América de 1981 até 1989; a pandemia de Covid-19 ocorre em meio ao crescimento do conservadorismo e do reacionarismo no globo, evidenciados a partir de vitória de Donald Trump nos EUA (no governo desde 2017 e com mandato até janeiro de 2021, tendo sido derrotado nas eleições de novembro de 2020), de Viktor Orbán como primeiro-ministro da Hungria (desde 2010), Jair Messias Bolsonaro, presidente do Brasil desde 1º de janeiro de 2019, para citar alguns de seus principais representantes. Em relação a este último período, ao qual estamos submergidos, chamam atenção as constantes tentativas de desqualificação das ciências e de reescritura revisionista da história. As mudanças nas políticas públicas têm, inclusive, impactado programas como os de HIV/Aids em países como Brasil, a partir de discursos que, imaginava-se, estavam soterrados nos anos 1980, como aqueles que

levam a uma culpabilização das pessoas infectadas com o vírus e sua transformação em ônus para o Estado, ao invés de serem vistos como cidadãos que têm direito referentes à saúde.

A epidemia de HIV/Aids conta com quatro décadas de história, na medida em que está colocada para o globo ainda hoje, haja vista não contarmos com uma vacina que possa ser distribuída para a população mundial, nem com medicamentos que extingam o vírus do corpo humano. Há uma série de tratamentos desenvolvidos nesses anos que levam a uma carga viral indetectável, o que significa sua não transmissibilidade, mas uma parte da comunidade científica permanece estudando as possibilidades de vacinação e cura, enfrentando, como no caso brasileiro, o gradativo solapamento do Sistema Único de Saúde (SUS) e o esfacelamento da área científica que recebe cada vez menos investimentos estatais nesta última década. Richard Parker e Herbert Daniel, em obra publicada originalmente em 1991, apresentam as fases ou aspectos da epidemia, a partir das proposições de Jonathan Mann:



Segundo o dr. Jonathan Mann, da Organização Mundial de Saúde, podemos indicar pelo menos três fases da epidemia de AIDS, numa dada comunidade; três fases que são entre si, de fato, tão distintas que poderiam ser descritas como três diferentes epidemias. A primeira é a epidemia da infecção pelo HIV que silenciosamente penetra na comunidade e passa muitas vezes despercebida. A segunda epidemia, que ocorre alguns anos depois da primeira, é a epidemia da própria AIDS: a síndrome de doenças infecciosas que se instalam em decorrência da imunodeficiência provocada pela infecção pelo HIV. Finalmente, a terceira (talvez, potencialmente, a mais explosiva) epidemia de reações sociais, culturais, econômicas e políticas à AIDS, reações que, nas palavras do dr. Mann, são “tão fundamentais para o desafio global da AIDS quanto a própria doença”. (PARKER & DANIEL, 2018, p. 15)

É a inextricável trama de atores sociais que comporta os agentes de Estado, as comunidades médica e científica, os movimentos sociais, os atingidos pela infecção ou pela doença, a imprensa e, também, aqueles que produzem arte nela conflituando tais questões, que pode ser compreendida e servir pedagogicamente à sociedade global. Randy Shilts, no prólogo de **O prazer com risco de vida**, sobre os aspectos mais perniciosos da epidemia nos EUA expressos no descaso governamental, na arbitrariedade em ignorar a gravidade da epidemia, na venalidade e na covardia, escreveu: “É um relato que merece ser repassado para que nunca mais aconteça a ninguém, em lugar nenhum” (1987, p. 21).

A EPIDEMIA E AS TELAS

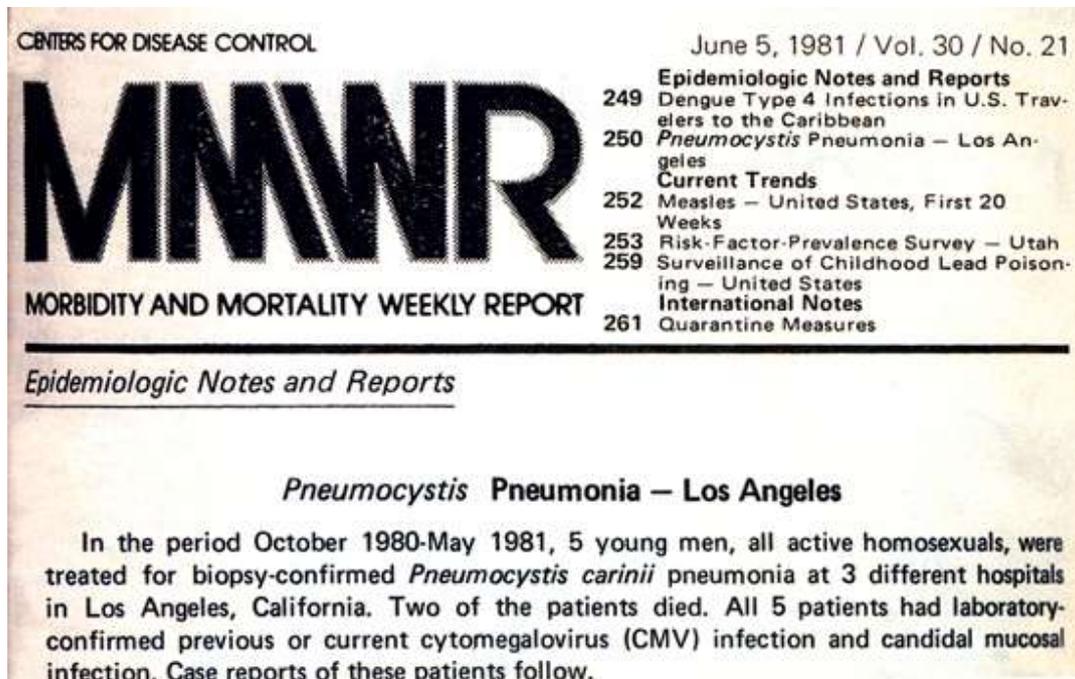


Figura 2: Boletim do Centro de Controle de Doenças de São Francisco que apresenta a primeira notícia de um estranho caso de pneumonia atingindo cinco pacientes homossexuais, de 5 de junho de 1981. **Fonte:** Disponível em <https://npin.cdc.gov/pages/hiv-and-aids-timeline>, acesso em 19/11/2020

O primeiro relatório emitido por um órgão oficial nos Estados Unidos da América sobre o que viria a ser a epidemia de HIV/Aids, publicado em junho de 1981, reportava a estranha ocorrência de *Pneumocystis carinii* em cinco homens jovens (de 29 a 36 anos), todos homossexuais. Os casos ocorreram entre outubro de 1980 e maio de 1981. Os mesmos pacientes, sem doenças prévias, apresentavam contaminação por citomegalovírus e cândida. Dois deles já estavam mortos quando os casos foram reunidos naquele comunicado. A estranheza estava no fato de que dificilmente pessoas jovens, sem outras doenças, seriam acamadas em razão desta doença. A ocorrência das três infecções oportunistas seria, a partir de então, ligada fortemente aos diagnósticos de uma nova doença: pneumonia gay, câncer gay (sarcoma de Kaposi). Tempos depois, Aids.

A redação e publicação do relatório estão presentes na extensa reportagem política de mais de setecentas páginas publicada pelo primeiro jornalista abertamente gay do **San Francisco Chronicle**, o mais importante diário da Baía de São Francisco,

Randy Shilts, **And the band played on**. Ali, a responsável por enviar o relato ao chefe da divisão de doenças venéreas do CDC foi a dra. Mary Guinan, sob o título “Pneumonia Pneumocystis em homossexuais masculinos – Los Angeles”. Um debate seria realizado no órgão sobre o tema e sobre o título. A homossexualidade era o entrave da questão. Sobre isso, escreve Shilts: “Não ofender os homossexuais e não inflamar os que nutrem fobia ao homossexualismo. Este era o dilema pelo qual a maneira de tratar esta epidemia seria frustrada desde o primeiro dia.” (1987, p. 101). Na adaptação cinematográfica, o debate desaparece, restando apenas um ato solitário do chefe de Guinan ao riscar com uma caneta a parte que deveria ser suprimida: “em homossexuais masculinos”.

Shilts, jornalista e escritor, já era conhecido do público desde 1982, quando publicou **The mayor of Castro – The Life & Times of Harvey Milk**, uma biografia do primeiro homem homossexual declarado a ocupar um cargo eletivo na Califórnia, EUA, assassinado juntamente com o prefeito de São Francisco, George Moscone, por um colega de mandato, Dan White, em 1978, um crime que havia tido grande repercussão não apenas na chamada *Bay Area*, mas em todo o país. Em 2008, uma cinebiografia de Harvey Milk dirigida por Gus Van Sant, inspirada na obra de Shilts, seria levada às telas, protagonizada por Sean Penn, que seria premiada com dois Oscar, de melhor ator (Sean Penn) e melhor ator coadjuvante (Josh Brolin, vivendo White). **And the band played on** foi seu segundo livro publicado e narra, seguindo dos antecedentes ao aparecimento das primeiras das infecções oportunistas, até 1987, quando a epidemia era uma realidade nos Estados Unidos e fora dele, a trajetória do impacto de um vírus em um mundo cujas relações são acentuadamente mais globalizadas, a cada instante.

Se, atualmente, há um acervo e um repositório imagético importante de obras sobre a epidemia de HIV/Aids, assim como um grande volume de atores sociais nela implicados, incluído os movimentos sociais organizados, organismos estatais, agências reguladoras, instituições de pesquisa, entre outras, nos seus primeiros anos houve uma série de abordagens pouco produtivas ou mesmo deliberadamente silenciosas. O aspecto conservador do governo de Ronald Regan e o velamento com que a grande imprensa abordava questões relativas à comunidade homossexual parecem ter sido a tônica naquele momento:

Naqueles primeiros anos, o governo federal via a AIDS como um problema orçamentário, os funcionários da saúde pública municipal viam-na como problema político, os líderes *gays* consideravam a AIDS um problema de relações públicas, e os meios de comunicação a avaliavam como uma questão homossexual que não interessava a ninguém mais. Por conseguinte, poucos enfrentaram a AIDS pelo que era, uma questão conjuntural médica profundamente ameaçadora. (SHILTS, 1987, p. 21)

Em fins dos anos 1980 o tema já podia ser abordado de modo mais amplo e debatido em certos meios, a exemplo do sucesso do livro escrito por Shilts, traduzido no mesmo ano e publicado pela editora carioca Record. Nas telas, um conjunto importante de obras tomara corpo a partir de 1985, quando as duas primeiras seriam lançadas nos Estados Unidos da América. A primeira delas foi lançada em 20 de setembro daquele ano, no Festival de Cinema Gay e Lésbico de Chicago, **Buddies** (creditado no Brasil como **Companheiros** e, depois, **Parceiro**), escrito e dirigido por Arthur J. Bressan Jr. Restaurada em 2018, a obra esteve presente no Festival do Rio em 2019. O idealizador da obra já tinha se debruçado sobre a comunidade gay em 1977, capturando as imagens que comporiam **Gay USA** (1978), documentário que retratava o movimento homossexual organizado no momento de seu primeiro grande embate, quando Anita Bryant, ativista anti-homossexual, lançou a campanha “Salvem nossas crianças”, que buscava revogar uma lei do Condado de Dade, na Flórida, que proibia a discriminação baseada na condição sexual dos indivíduos (essa campanha também está presente em **Milk**, 2008, de Gus Van Sant). **Buddies** circulou em poucos cinemas, mas, sendo a primeira obra a tratar da epidemia, conseguiu visibilidade. O filme narra o encontro de Robert (Geoff Edholm), um jovem abandonado pela família e pelos amigos no quarto de um hospital em Manhattan, acometido pelas doenças oportunistas, como o sarcoma de Kaposi e a debilidade respiratória, e David (David Schachter), um *yuppie* gay de 25 anos que mantém um relacionamento monogâmico e se oferece para ser “companheiro/amigo” de



Figura 3: David e Robert, no cartaz de **Buddies**. Disponível em https://upload.wikimedia.org/wikipedia/en/6/60/Buddies_%281985%29_Film_Poster.jpg, acesso em 25/11/2020

Robert. A criação de tais “amigos/companheiros” se deu justamente como forma do movimento organizado dar apoio àqueles que se encontravam em situação de abandono. Os voluntários se responsabilizavam por fazer visitas, alguns contatos possíveis, levar comida ou itens necessários ao paciente. O drama se desenvolve no quarto de hospital – é nele que os dois parceiros se exporiam um ao outro, sendo modificados pelo dramático encontro. Dois anos depois, Bressan Jr. morria por complicações advindas da Aids.

Dois meses depois, em novembro de 1985, foi exibido pela rede estadunidense NBC, dirigido por John Erman, o telefilme intitulado **An early frost** (Br.: **Aconteceu comigo**). O filme é um drama familiar cuja trama está centrada em Michael Pierson (Aidan Quinn), que vai para a casa dos pais (Katherine Pierson, vivida por Gena Rowlands, e Nick Pierson, interpretado por Ben Gazzara) lhes contar que é homossexual e que está infectado pelo vírus HIV. Michael é um advogado de sucesso que não revelara até então sua sexualidade, mantendo uma relação às escondidas com Peter (DW Moffett). Questões duras são colocadas na tela: Michael descobre que Peter o traiu e o amante afirma que isso se deveu a ser deixado de lado, sendo Michael um *workaholic* que vive “no armário”; tendo expulsado Peter de casa, Pierson segue para a casa dos pais e, lá, a irmã grávida, Susan (Sydney Walsh) se recusa a vê-lo para “não se colocar, nem o futuro filho, em risco”; o pai deixa sua ira transbordar quando Michael tenta beijar a mãe. Kate assume o papel da mulher que se informa sobre a infecção e doença e oferece esse conhecimento ao marido e à filha, buscando a reaproximação da família. A reconciliação de Michael e Peter acontece a partir da morte de um paciente com Aids (Victor, interpretado por John Glover) que dividia o quarto com Michael. O pai, que insiste em se afastar do filho, é quem impede que Michael, deprimido, se mate. Tendo a catarse da morte sido realizada em outra personagem, Victor (um homossexual de modos mais extravagantes que aqueles do cisgênero Michael), cujos pertences são jogados pela enfermeira em um saco de lixo, evidenciando o medo da contaminação e, ao mesmo tempo a desimportância da memória de um sujeito como aquele, o protagonista tem a chance de se reconciliar consigo, com a família consanguínea, com o amante e, assim, retornar para sua cidade, para continuar lutando pela vida.

Em 1986 seria produzido mais um telefilme, esse, para a rede Showtime, **As Is**, baseado na peça de William M. Hoffman, que também é responsável pelo roteiro, dirigido por Michael Ldsay-Hogg, protagonizado por Jonathan Hadary (Saul) e Robert Carradine (Rico). O telefilme explora o impacto da nova doença sobre um grupo de amigos que vive na cidade de Nova York, apresentando as distintas reações de cada um deles quando é informado de que Saul havia contraído o vírus. O espanto, o medo, a presença do elemento desconhecido que se intromete no corpo e nas relações, a gradativa alienação daquele que é acometido pela infecção, as primeiras notícias nos telejornais, os ambientes dedicados aos encontros entre homens homossexuais, são apresentados na obra. No mesmo ano foi lançada outra obra cuja trama também está centrada em um grupo de

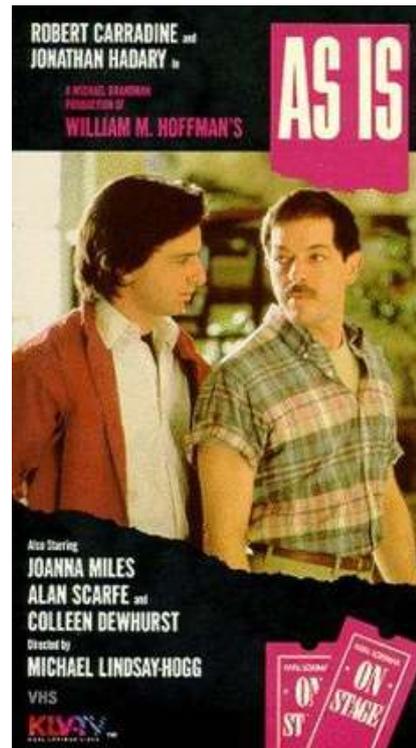


Figura 4: Cartaz de **As Is**.

Disponível em https://upload.wikimedia.org/wikipedia/en/8/8b/As_Is_poster.jpg, acesso em 20/11/2020

amigos, **Parting Glances** (Br.: **Parting Glances – olhares de despedida**), de Bill Sherwood. Eberwein (1986) o incluiu em uma proto-história cinematográfica da epidemia. A história gira em torno de um jovem casal de homossexuais, Robert (John Bolger) e Michael (Richard Ganoung), e seus amigos. Duas despedidas estão colocadas: uma, objetivamente, a de Robert, que está indo embora, tendo aceitado um emprego em outro continente –ele o fez por estar cansado do relacionamento tradicional que tem com Michael; a outra, apenas percebida, é a de que os anos de liberdade sexual que precederam o início da pandemia de HIV/Aids estavam sendo encerrados. Em 14 de março de 1986, Rita Kempley escreveu sobre o filme no **The Washington Post**:

Still, Sherwood offers an intelligent alternative, sure to be a welcome relief to gay men who are sick of TV movies about getting AIDS or telling the family the awful news. Here there is nothing particularly odd about gayness. The youngest character, a record store clerk, told his folks when he was 16. He wants a normal life, he says, “a co-op on

Central Park, a BMW, a house in Bucks County.”⁶ (KEMPEY, 1986)

A mudança de tratamento apontada por Kempey diz respeito ao modo como as personagens foram encenadas em **Parting Glances**: há uma fuga do estereótipo, tendo a direção adotado um tom menos dramático, com ênfase na cultura pop, com fotografias que carregam cores em tom pastel, o que se reflete na composição dos atores; os temas abordados, em que pese o fato de uma das personagens, um antigo amante e atual amigo de Michael, Nick (Steve Buscemi), ter contraído o vírus, giram em torno das relações de amizade e amorosas que se firmam ou chegam ao fim. O contraste é feito com as narrativas dramáticas exemplificadas por **Buddies** e **An early frost**. Quatro anos se passariam até que uma nova obra fosse exibida. Das cinco obras seguintes, quatro foram produzidas para o grande ecrã.

O filme independente **Longtime companion** foi lançado em 1990, resultado da reunião de dois colaboradores nas artes cênicas, o dramaturgo e roteirista Craig Lucas e o diretor Norman René. A trama do filme está centrada no que ocorre com um grupo de amigos moradores da cidade de Nova York, em nove dias, um de cada ano de 1981 até 1989, sendo o primeiro deles em 3 de julho, data da publicação do artigo “Rare Cancer Seen in 41 Homosexuals”, do médico Lawrence K. ALTMAN (1981, p. 20), relatando casos de sarcoma de Kaposi. Era a primeira vez que o jornal publicava algo relacionado à nascente epidemia de HIV/Aids. O grupo de amigos é formado por um casal rico de meia idade (Sean – Mark Lamos; David – Bruce Davison), o jovem Willy (Campbell Scott), Fuzzy (Stephen Caffrey), um advogado, John (Dermot Mulroney), melhor amigo de Willy e a primeira personagem diagnosticada com Aids, o casal Paul e Howard (John Dossett e Patrick Cassidy) e sua vizinha Liza (Mary-Louise Parker), amiga de Fuzzy. O título da obra vem da recusa do jornal **New York Times** em relatar em seu obituário uniões homossexuais, assim, ao invés de escrever que o falecido/a falecida tinha um marido/esposa, ou um/uma amante, nos anos 1980, fazendo constar a expressão “um companheiro de longa data” no lugar. O filme foi objeto de um grande número de críticas nos jornais e revistas daquele ano e também na academia, gerando um forte

⁶ Ainda assim, Sherwood oferece uma alternativa inteligente, certamente um alívio bem-vindo para homens gays que estão cansados de filmes na TV sobre como contrair AIDS ou de contar à família as notícias terríveis. Aqui não há nada particularmente estranho sobre a homossexualidade. O personagem mais jovem, um balconista de uma loja de discos, disse a seus pais quando tinha 16 anos. Ele quer uma vida normal, diz ele, “uma cooperativa no Central Park, um BMW, uma casa no condado de Bucks”. (KEMPEY, 1986) (tradução nossa)

debate sobre HIV/Aids, cinema queer e cultura gay (ROMÁN, 2006, p. 284), a exemplo da crítica publicada na revista **Cinéast**:

Although AIDS during its relatively short existence, has ravaged the nation across geographic, social, and sexual borders, the cinema has been reluctant to deal with the disease and its widespread impact as a dramatic subject. (...) Longtime Companion is the latest of only a handful of American narrative films whose dramas focus on AIDS and the gay Community.⁷ (GRUNDMANN, 1990, p. 47)

Grundmann (1990) ainda aponta para uma questão importante: a tristeza da obra já está colocada desde seu início. Se trata de uma narrativa na qual pessoas queridas perecerão em uma epidemia que se alastra no curso temporal da história; a aposta, assim, fica no senso de humor, em uma suave linha de comédia que traz algum respiro àquelas personagens imersas na melancolia da “praga”.

Em 19 de maio de 1991, mesmo dia de realização da AIDS Walka Nova York, a grande marcha de arrecadação de fundos para o combate à epidemia e auxílio aos atingidos por ela, foi exibido pela rede de televisão ABC o filme dirigido por John Erman, **Our Sons**, baseado no documentário **Too little, too late**, de Micki Dickoff (1988). No telefilme da ABC, o que vemos são dois grandes dramas: de um lado, um jovem, James Grant (Hugh Grant) que vê seu companheiro, Donald Barnes (Željko Ivanek), ser acometido pela AIDS e seu rápido declínio físico, esperando sua morte; de outro, a tentativa das mães desses dois jovens de superarem cada qual sua homofobia, expressa ou internalizada. As mães são Luanne Barnes (Ann-Margret), uma garçonete do Arkansas, estado de maioria protestante dos EUA, que vê seu filho à beira da morte como um pecador doente, interpelada por Andrey Grant (Julie Andrews), uma mulher de negócios que vai até Luanne a pedido de seu filho, escondendo sua própria homofobia. Há cenas bastante duras, nas quais o abandono dos acometidos pela Aids é explicitado, assim como a visão culpabilizadora com que foram vistos. O fato de ser protagonizado por duas atrizes muito populares, Ann-Margret e Julie Andrews, ampliou o acesso à obra. Mais uma vez, o casal é formado por homens de classe média cisgêneros, imagem da qual a próxima película se afasta. Lançado pela Miramax Films,

⁷ Embora a AIDS durante sua existência relativamente curta tenha devastado a nação através das fronteiras geográficas, sociais e sexuais, o cinema tem relutado em lidar com a doença e seu amplo impacto como tema dramático. (...) Longtime Companion é o último de apenas um punhado de filmes narrativos americanos cujos dramas enfocam a AIDS e a comunidade gay. (tradução nossa)

em 1991, o documentário de Jennie Livingston, **Paris is burning** é uma obra a ser destacada.



Figura 5: Fotografia de Alamy. **The Guardian**. Disponível em <https://www.theguardian.com/film/2015/jun/24/burning-down-the-house-debate-paris-is-burning>, acesso em 20/11/2020

O filme foi realizado por Livingston no curso de sete anos, período no qual documentou a cultura dos salões de bailes na Nova York dos anos 1980. Diferentemente dos demais filmes até apresentados, não apenas protagonizados, mas cujos elencos eram majoritariamente brancos, com grande número de personagens gays cisgêneros, **Paris is burning** retrata um conjunto de dançarinos, *performers* e frequentadores pobres e negros daqueles bailes. Transformistas, travestis e homens efeminados desfilam pelos cenários participando das batalhas de dança. Eles estavam divididos por “casas”, nas quais havia uma “mãe”. As casas deveriam ser defendidas e as mães honradas. São exemplos das redes de solidariedade que aqueles e aquelas que são colocados à margem por sua pobreza, sua cor, sua sexualidade e/ou sua identidade de gênero criam como estratégia não apenas de sobrevivência, mas de busca por afeto. Alternando cenas de coloridos desfiles e disputas de dança nos quais o barulho constante é proporcionado por palmas, vaias, gritos e música, com entrevistas focadas em cada personagem escolhida, sozinha e sem mais interlocutores, o filme tem uma linha narrativa bastante distinta, voyeurística. Uma parte significativa das travestis, mulheres transgêneras e

homens gays que circulam em frente à câmera pereceram na pandemia, outros, foram vitimadas por mortes violentas, evidenciando aspectos de classe e racialização que atravessam certos corpos.

Outra obra independente foi dirigida por Gregg Araki e lançada em 1992, **The living end**. Araki é um diretor independente que tem sido observado com certa estranheza no meio cinematográfico, sobretudo por explorar personagens desenraizados e desesperados para estabelecer relações efetivas em uma era marcada pela imagem da Aids. Além disso, sua capacidade de desafiar a audiência confrontando suas imagens com aquelas do cotidiano parece ser uma constante em sua carreira, o que pode ser visto em **The living end** (HART, 2010, p. 94). Na obra, o barman Luke (Mike Ditry), em uma caminhada marcada por encontros insólitos, se envolve com o deprimido crítico de cinema Jon (Craig Gilmore). Os dois, soropositivos, amigos e amantes, partem em uma viagem deixando tudo para trás – e sem saber o que os espera pela frente.

Finalmente, em 1993 três obras foram lançadas, duas pelo canal estadunidense HBO, e uma para os cinemas, pela TriStar Picture. Exibido pela rede estadunidense de televisão HBO em 15 de março de 1993, **Daybreak**, de Stephen Tolkin, foi baseado na peça **Beirut**, que estreou em San Francisco em 1986, escrita por Alan Bowne.

BEIRUT, Alan Bowne's stunner about love in the plague years. It's "the near future"; we're in a dump of a room on the Lower East Side, where a young man named Torch has been quarantined after testing positive for a nameless disease that sounds a lot like AIDS.⁸ (GOODMAN, 1987)

A trama se desenvolve em um Estados Unidos da América distópico sob um governo fascista. No telefilme, Torch (Cuba Gooding Jr) é um ativista: infectado pela nova doença, tendo seu corpo invadido por um vírus desconhecido (SONTAG, 2007, p. 91ss) ele luta contra o estado que segrega os contaminados, confinando-os em guetos, sem qualquer tipo de tratamento. As pessoas são levadas, convencidas por propagandas governamentais, a realizarem o teste, sem saber que, caso dê positivo, elas serão retiradas da sociedade e deixadas à própria sorte. Blue (Moir Kelly) vai em busca do teste, mas desiste e foge, perseguida por policiais, e encontra o auxílio de Torch. Os

⁸ BEIRUT, o deslumbrante de Alan Bowne sobre o amor nos anos da peste. É "o futuro próximo"; estamos em um depósito de lixo no Lower East Side, onde um jovem chamado Torch foi colocado em quarentena após um teste positivo para uma doença sem nome que parece muito com AIDS. (GOODMAN, 1987) (tradução nossa)

dois se apaixonam e parte do drama está em sua separação. A maior parte dele, porém, está na caracterização do estado autoritário e segregacionista que se constitui a partir da “praga”.

No Natal de 1993 foi lançado **Filadélfia**, de Jonatham Demme. O filme contou com um elenco conhecido, encabeçado por Tom Hanks (Andrew Beckett) e Denzel Washington (Joe Miller), e uma bela música escrita e interpretada por Bruce Springsteen, **Streets of Philadelphia**, vencedora do Oscar de Melhor Canção (1994). Mais uma vez, vemos na tela um casal gay de classe média, monogâmico, cisgênero. A família do protagonista está ao seu lado e o companheiro, Miguel (Antonio Banderas) está completamente integrado a esse núcleo de pessoas. O drama está colocado a partir da doença e a partir da intolerância do corpo social burguês homofóbico representado pelos donos da prestigiosa firma de advocacia na qual Andrew trabalhava e da qual foi demitido de forma duvidosa. O filme está estruturado no modelo já clássico dos “filmes de tribunal”, com impactantes diálogos de acusação e de defesa. Tom Hanks ganhou o Oscar de melhor ator por sua atuação na película. A ordem dramática pode ser percebida na cena em que Joe Miller, esquivando-se de ser contratado por Andrew Beckett, o vê sendo discriminado em uma biblioteca pública. Ele segue até a mesa em que está Andrew e lhe fala, impondo sua presença ao bibliotecário que pretendia que o adoecido advogado se retirasse para uma sala reservada. Ali, sentados frente a frente, estabelecem um diálogo no qual dividem a leitura de uma sentença:

O Ato de Reabilitação Vocacional de 1973 proíbe a discriminação contra os assim denominados inválidos desde que sejam capazes de cumprir sua função. Embora a lei não mencione especificamente a Aids, segundo decisões subsequentes, a Aids é uma forma de invalidez não só devido às limitações físicas que impõe, mas porque o preconceito que ela gera leva a uma “morte social” que precede a morte propriamente dita. Esta é a essência da discriminação, formular opiniões sobre pessoas não baseadas em seus méritos, mas no fato de pertencerem a grupos cujo valor é presumido.

Trecho da “Decisão Arline” lido por Joe Milles (Denzel Washington) e Andrew Beckett (Tom Hanks) em cena de **Filadélfia** (1993).

Joe Miller pôde rever sua homofobia, apresentado à humanidade de Andrew e ao amor de seu companheiro, Miguel. Sua esposa, Lisa (Lisa Summerour), tem um importante papel ao confrontar a visão preconceituosa de Miller. O casal se diverte na festa dada por Andy e Miguel em seu apartamento. Visando o grande público, não estão

presentes cenas de maior intimidade entre Andrew e Miguel. São cenas de fraternidade e auxílio, preocupação e acolhimento, dessexualizadas. Se Miller teve tempo para sua redenção, Andrew Beckett não viveu para se ver vitorioso nos tribunais, falecendo antes que a sentença favorável a ele fosse proferida. O filme, vencedor de diversos prêmios, foi um sucesso de público, de bilheteria e de crítica. Quatro meses antes do lançamento do filme de Demme, em 11 de setembro de 1993, o canal HBO lançou o telefilme **And the band played on**, de Roger Spottiswoode.

Cabe salientar, a partir de parte desse repositório cinematográfico supracitado, sobretudo aqueles filmes produzidos para televisão, o papel que a mídia televisiva à cabo teve na dimensão política e cultural do HIV/AIDS, seja em produções ficcionais ou programas informativos. Por exemplo, em 12 de outubro de 1987, às 20 horas, a HBO se incumbia de informar a população norte-americana sobre a doença, com o programa **AIDS: Tudo o que você e sua família precisam saber**, com a presença do médico cirurgião Dr. C. Everett Koop. O pesquisador Shayne David Pepper (2011) se questiona sobre o motivo pelo qual essas propostas foram encabeçadas pela iniciativa privada e não pelo Serviço de Saúde Pública. O autor aponta que a consolidação das empresas de canais de televisão à cabo se deu por meio de incentivos e concessões feitas sobretudo no governo de Ronald Regan⁹, na década de 1980.

E, nesses termos, a HBO passou a operar como um ponto de convergência para os objetivos de entretenimento rentável em conjunto com uma programação orientada pelo serviço público baseado na racionalidade governamental, política e econômica neoliberal. Assim, a HBO, historicamente, passou a atuar com suas produções onde o governo executivo norte-americano se fez indiferente, ignorante e ausente, sobretudo ao assumir uma pedagogia cultural sobre o vírus e sua respectiva doença, com produtos que se apresentaram nos formatos de documentários, materiais educacionais e filmes de ficção com formas populares voltados para a estética do drama, como o filme **And the band played on**. Pepper (2011, p. 6) afirma que essas produções realizadas durante e sobre a epidemia do HIV/AIDS se tornam “uma lente ideal para examinar como a

⁹ “O governo Reagan liderou medidas desregulatórias para a indústria de televisão a cabo, além de reduzir orçamentos do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos EUA, incluindo os Centros de Controle de Doenças e os Institutos Nacionais de Saúde. O foco no governo pequeno significava deixar muitas coisas a serem gerenciadas pelas indústrias ou estados individuais.” (PEPPER, 2011, p. 6)

televisão e o serviço público de saúde são articulados em um momento de intensificação de estratégias neoliberais dentro da lógica governamental”.

A EPIDEMIA DE HIV/AIDS: TENSIONAMENTOS E SILENCIAMENTOS

A febre Ébola foi controlada antes de se espalhar pelo mundo. Não era Aids, mas foi um aviso sobre o que viria no futuro.

And the band played on.



Figura 6: Higshospitalet, Copenhagen, 1977, 1º Caso, **And the band played on.** Fonte: HBO, 1993.

Uma das expectativas colocadas pela ciência moderna é que a sociedade adquira conhecimento e que isso corrobore positivamente para suas transformações. Existe uma pedagogia na ciência e, dentre outros, um de seus aspectos é o acúmulo de informações e procedimentos validados. Infelizmente, uma parte significativa dos atores sociais envolvidos na contenção de epidemias, grandes desastres da saúde mundial, têm preferido ignorar a história das ocorrências anteriores e o que isso pode trazer de prejuízo – no tocante às vidas perdidas, à economia, à organização social. Se essa é uma interpretação possível no tocante à epidemia de HIV/Aids, especialmente nos EUA, também pode ser utilizada no tratamento negacionista dedicado à pandemia de Covid-19 em países como os próprios Estados Unidos da América, sob o governo de Donad

Trump, o Brasil, governado por Jair Bolsonaro, a Bielorrússia de Alexander Lukashenko. Os três governantes foram acometidos pela doença e a ela sobreviveram.

No tocante à epidemia de HIV/Aids, em seus anos iniciais, houve um elemento de perplexidade por parte do corpo médico relativa à dificuldade de compreensão do que ocorria aos primeiros pacientes, como no caso de Grethe Rask, a médica dinamarquesa retratada na Figura 6, ou, o chamado 2º Caso, de 1978, em Paris. Os enfermos eram acometidos por doenças conhecidas como “oportunistas”, ou seja, males que apareciam quando o/a paciente já encontrava com a saúde debilitada por outras enfermidades. O que os diferenciava era de que não havia doenças anteriores a que tais moléstias pudessem estar relacionadas. Os casos seguintes levariam à percepção de que o sistema imunológico destes pacientes havia desaparecido sem qualquer explicação evidente.

Nos Estados Unidos da América, como explicado por Randy Shilts em sua reportagem política publicada em 1987, os primeiros casos detectados estiveram relacionados a homens homossexuais, no início dos anos 1980. A conjuntura política de surgimento da doença acabou por dar-lhe contornos muito específicos e mais dramáticos, quando observamos o número de atingidos e a globalização das infecções e da doença, tornando-a uma epidemia global. A China tem sido acusada de esconder por algumas semanas a pandemia de Covid 19 em seu surgimento, a partir de Wuhan. Se o primeiro comunicado sobre uma estranha doença relacionada aos homossexuais nos EUA é de 1981, o primeiro pronunciamento do presidente estadunidense Ronald Reagan sobre essa crise de saúde pública só ocorreu em 1987. O silêncio e indiferença estatal precisam ser compreendidos e evidenciados como parte da política conservadora adotada nos mandatos republicanos daquela década na qual os homossexuais eram um assunto a ser abordado como chiste ou pecado. A doença inominada receberia o mesmo tratamento por meia década.

O conjunto de obras anteriormente apresentado, iniciado por **Buddies**, seguindo até **And the band played on**, integra um empreendimento de mediações culturais por parte das mídias cinematográficas e televisivas que acabaram por assumir a vanguarda na divulgação sobre a nova doença e, pela proximidade dos fatos, também sobre a comunidade homossexual estadunidense. À exceção de **Daybreak**, todas as outras obras fílmicas produzidas nos EUA até 1993 foram protagonizadas por personagens homossexuais, ou, a Aids apareceu relacionada aos personagens

homossexuais que compusessem a trama. Assim, ao observarmos a epidemia de HIV/Aids nos Estados Unidos, a relação entre ela e a comunidade homossexual, especialmente masculina, travesti e transgênera, assume posição de destaque. Ronald Reagan teve um papel decisivo nos rumos da epidemia, mas não são apenas ele, pois os Republicanos de maneira geral são aqueles que insistem em obliterar a população homossexual nos EUA. Bill Kraus (Ian McKellen) em uma das primeiras sequências de **And the band played on**, discursa para o Comitê de Plataforma do Partido Democrata, às vésperas das eleições presidenciais de 1980:

Companheiros do Comitê de Plataforma. Sou Bill Kraus. Sou o contato entre o deputado Philip Burton e a comunidade homossexual de San Francisco. Os direitos dos homossexuais que solicito não são privilégios especiais. Não se pede que alguém goste da gente. Nem sequer pedimos que os Democratas nos deem proteção jurídica, o que é direito de todos os outros americanos. Esta emenda pede é que o Partido Democrata reconheça que nós, os homossexuais do país, também somos humanos.



Figura 7: O ativista gay Bill Kraus discursa na convenção do Partido Democrata, em 1980. **And the band played on.** Fonte: HBO, 1993.

Há certa pungência na expressão de Kraus, que fala para uma plateia de delegados democratas responsáveis por elaborar a plataforma do partido; ela está colocada não apenas pelo tema e o modo como as questões foram abordadas em seu discurso, mas, em razão da desatenção do público, que não está interessado em ouvir sobre a comunidade homossexual estadunidense. O não reconhecimento da humanidade dos homossexuais e a redistribuição de direitos e poder permaneceu na desimportância com que as palavras de Bill foram recebidas – o que tem se materializado na ausência de políticas de proteção à essa comunidade. Em outra cena, a mesma personagem fala ao médico Marc Conant (Richard Jenkins): “Para os jornalistas, não interessa. Um jornalista me disse que a morte de homossexuais só interessa aos homossexuais e àqueles que querem que todos eles morram”. Outra cena corrobora com a interpretação de Bill. Um possível paciente, o coreógrafo interpretado por Richard Gere, pergunta à Dra. Mary Guinan (Glenn Headly): “– Essa doença tem um nome?”. Como resposta,

Guinnan lhe diz: “– A imprensa homossexual a chama de pneumonia ou câncer ‘gay’. E a imprensa normal não a menciona”. O silenciamento sobre a nova doença esteve ligado diretamente aos impedimentos de visibilidade e da redistribuição de direitos da população lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual, transgênera, intersexo e de outros sujeitos marcados pela diferença.

Era ainda recente o aparecimento de homossexuais, transexuais, travestis, transformistas, mulheres e bissexuais como uma força política, se considerarmos os motins de Stonewall¹⁰ como um marco contemporâneo, ocorrido em junho de 1969, ou seja, pouco mais de uma década antes que a epidemia de HIV/Aids tivesse seu início nos EUA, intimamente ligada a essa comunidade. Edmund White (RIVERS, 2015) afirma ser aquele um momento de ruptura com uma imagem e uma autoimagem de pecado, doença, crime, transformando essa parcela da população em um “grupo minoritário”, o que teria implicações diretas em sua caminhada rumo à participação pública na política, o que pode ser evidenciado a partir das “paradas” e de candidaturas, a exemplo daquelas de Harvey Milk nos anos 1970. A epidemia é mais uma peça da máquina de extermínio da diferença.



Figura 8: Imagem televisiva do discurso da vitória de Ronald Reagan, no centro, atrás do púlpito sobre o palco, ao lado de Nancy Reagan, em fins de 1980, reproduzida em **And the band played on**. Fonte: HBO, 1993

¹⁰ Sobre as formas de organização no período anterior aos motins de Stonewall, o artigo “Faeries, Marimachas, Queens, and Lezzies: The Construction of Homosexuality before the 1969 Stonewall Riots”, de Elvia Arriola (1996) pode ser consultado. Sobre o motim, as formas anteriores de ativismo e seu legado para o movimento e a comunidade lgbtqia+ nos EUA, sugerimos a obra *The Stonewall Riots: A Documentary History*, de Marc Stein (2019).

Nesse ínterim, Ronald Reagan foi vitorioso nas eleições de 1980. Seus dois mandatos consecutivos significaram um avanço ideológico da direita no país, tendo ainda conseguido eleger seu vice-presidente, George W. Bush, ao deixar o poder, o que significou um período de doze anos de governos mais conservadores no campo dos costumes nos Estados Unidos. Assim, tanto o crescimento da nova direita, liderada por Reagan, quanto o avanço da epidemia ocorriam ao mesmo tempo. Ganharam fôlego campanhas de ativismo anti-gay, como aquela iniciada no final dos anos 1970 por Anita Bryant e que aglutinou cristãos fundamentalistas contra a comunidade que hoje chamamos de lgbtqia+. A epidemia de HIV/Aids foi utilizada abertamente na agenda anti-gay. O reverendo Charles Stanley, líder religioso que contava com cerca de 15 milhões de fiéis batistas sob sua influência, afirmou em entrevista ao **San Francisco Examiner**, em 1986, que acreditava que a epidemia era uma ação do deus dos cristãos demonstrando seu descontentamento em relação à aceitação da homossexualidade como estilo de vida, indicando sua surpresa à comoção trazida pela morte de Rock Hudson, como se ele se tornasse um “herói” ao morrer de Aids (**Los Angeles Times**, 1986). A indiferença hostil – um silêncio que custou investimentos e vidas – de Reagan durou até maio de 1987, quando o então presidente fez seu primeiro pronunciamento sobre a epidemia. Até então, ela era tratada jocosamente no âmbito da Casa Branca, como pode ser percebido no diálogo entre representantes do governo e jornalistas, em 1982, narrado a seguir:

Despite his decisive role in defeating the Briggs initiative in 1978, Ronald Reagan, who'd win almost 59 percent of the popular vote over Walter Mondale, had cultivated ignorance or worse about AIDS. His press secretary, Larry Speakes, represented the president's attitude in an October 1982 press conference. "Larry, does the president have any reaction to the announcement from the Centers for Disease Control that AIDS is now an epidemic and there have been over six hundred cases?" a reporter wanted to know.

"What's AIDS?" Speakes asked.

"Over a third of them have died. It's known as 'gay plague.'" Speakes and others laughed.

"No, it is. I mean it's a pretty serious thing that one in every three people that get this has died. And I wonder if the president is aware."

"I don't have it," Speakes, a Mississippian, drawled jocularly. "Do you?" More laughter.

“In other words, the White House looks on this as a great joke?” the reporte asked. (FADERMAN, 2015, p. 417)¹¹

Em uma das cenas de **And the band played on** nas quais são utilizadas imagens de época, reproduções da pronunciamentos televisionados, Reagan, em discurso ao Congresso estadunidense, afirma: “– Tenho a certeza que vêm esperando que eu mencione um Departamento, o Departamento de Defesa. Será o único Departamento onde os gastos serão maiores do que orçamentamos”. A opção do governo Republicano conservador era explícita: enquanto os investimentos em saúde e pesquisa eram minados, os investimentos se voltavam para uma política belicosa e belicista. Uma política na qual as armas – sua produção, circulação, posse, distribuição – se tornaram um fator preponderante, em detrimento do cuidado com os grupos sociais vulneráveis e com a produção do conhecimento que poderia auxiliar milhares – e, posteriormente, milhões – de pessoas. Isso se refletiu, na obra de Spottiswood, em cenas nas quais cada pedido de compra ou verba por Don Francis era recusado. Sua frustração é crescente frente ao cenário desalentador. Quando Jim Curran (Saul Rubinek) lhe diz para montar no CDC um laboratório com vistas a realizar pesquisas de rastreamento do possível vírus, e lhe mostra as dependências, composta em uma *mise-en-scène* cheia de equipamentos científicos em péssimas condições de uso, nas quais ele a fará, Don Francis lhe diz, estupefato: “– Posso conviver com o desespero, mas isso é ridículo!”.

And the band played on assume, oportunamente, um caráter pedagógico. Há que ser explicado para aquelas e aqueles que assistem a obra que a ciência tem um *modus operandi* e que precisa de investimento, fomento e condições de trabalho para empreender a busca por respostas. Quando Don Francis chega ao CDC ele é

¹¹ Apesar de seu papel decisivo na derrota da iniciativa Briggs em 1978, Ronald Reagan, que ganharia quase 59 por cento do voto popular contra Walter Mondale, ativou a ignorância ou pior sobre a AIDS. Seu secretário de imprensa, Larry Speakes, representou a atitude do presidente em uma entrevista coletiva em outubro de 1982. “Larry, o presidente tem alguma reação ao anúncio dos Centros de Controle de Doenças de que a AIDS agora é uma epidemia e que já ocorreram mais de seiscentos casos?” um repórter queria saber.

“O que é AIDS?” Perguntou Speakes.

“Mais de um terço deles morreram. É conhecido como 'praga fay.' ”Speakes e outros riram.

“Não é. Quero dizer, é uma coisa muito séria que uma em cada três pessoas que recebem isso morreu. E eu me pergunto se o presidente sabe.”

“Eu não tenho isso”, disse Speakes, um Mississippian, em tom de brincadeira. “Você?” Mais risadas.

“Em outras palavras, a Casa Branca vê isso como uma ótima piada?” perguntou o relator. (tradução nossa)

apresentado a alguns dos demais pesquisadores dali. Entre eles, Harold Jaffe (estudioso das doenças sexualmente transmissíveis), Dale Lawrence (da Divisão de Fatores de Hospedeiros), Mary Guinan (epidemiologista), Bill Darrow (sociólogo), Jim Curran (epidemiologista e diretor dos trabalhos de pesquisa da AIDS nos Centros de Controle de Enfermidades de Atlanta). Pelas apresentações – nomes seguidos de especialidades – os telespectadores são levados a saber que a busca pelo conhecimento é uma tarefa coletiva e interdisciplinar, uma vez que são muitos os fatores implicados no aparecimento de uma nova enfermidade, demandando profissionais de variados perfis. Na primeira reunião do grupo ao qual Francis se juntou, ele mesmo um pesquisador do vírus da Hepatite B em homens homossexuais, as ações iniciais são listadas:

Durrán: – Temos que começar a ligar, dividir-nos para falar com os Departamentos de Saúde nas grandes cidades, como sempre, para que possam fazer um levantamento em cada hospital para encontrar outros casos.

Jaffe: – Epidemiologia básica.

Durrán: – Exato. Falem com os doentes. Falem com os médicos que podem tê-los tratado, incluam amigos ou parentes. Não existem perguntas estúpidas, nem perguntas que sejam íntimas demais.

Guinan: – Inclusive sobre sexo, também.

Darrow: – Estilo de vida.



www.revistafenix.pro.br

Na sequência seguinte, uma nova reunião é marcada pelos impasses de uma pesquisa que segue com muitas dificuldades, seja de ordem econômica, sobretudo a partir do descaso do governo federal e as tensões no próprio âmbito político mais geral, haja vista a dificuldade de diálogo entre uma comunidade homossexual historicamente acoçada e os dirigentes municipais de saúde. A necessidade de construção de afirmativas válidas, característica do campo da produção do conhecimento está posta:

Curran: – O que sabemos sobre isso? O que podemos provar?

Jaffe: – Nada.

Curran: – Só homossexuais?

Jaffe: – Achamos que sim, mas não podemos provar.

Curran: – Só homens?

Jaffe: – Também não podemos prova-lo.

Dois temas bastante áridos são ainda apresentados na trama: o da indústria do sangue (representando a indústria da saúde, de forma mais geral) e as disputas nem sempre pautadas pela ética tocantes à produção científica, especialmente a partir da figura controversa de Robert Gallo.

No tocante ao primeiro tema, as evidências levavam a uma afirmação plausível de que sangue contaminado com o agente infeccioso (ainda havia uma discussão se se tratava de um vírus novo, um vírus modificado ou uma bactéria) estava sendo utilizado nos hemocentros. As primeiras reuniões com os representantes dos centros manipuladores de sangue foram infrutíferas. As pesquisas levaram a afirmar que se tratava de um vírus, e, ainda, que o teste para Hepatite B tinha eficácia de quase noventa pontos percentuais na sua detecção; mesmo assim, os empresários refutavam a utilização do teste, a partir de sua imprecisão e, sobretudo, dos altos custos do processo. O fato de cada vez mais hemofílicos, especialmente aqueles que precisavam de transfusão mais frequente, apresentarem a doença causava pouco impacto. Foi preciso, assim, que se encontrasse alguém influente do ponto de vista econômico, com visibilidade – no caso, a abastada Sra. Johnstone (Swoosie Kurtz) –, que tivesse recebido uma transfusão de sangue contaminado para que a indústria optasse pela testagem.

O segundo tema abordado, aquele da ética na ciência, é centrado na figura de Robert Gallo (Allan Alda). A personagem é apresentada como um cientista renomado e irascível, com fortes tendências ególatras. Seus subordinados são tratados com pouca gentileza, seus interesses parecem mais relevantes do que os avanços da ciência. Um sujeito vingativo que se satisfaz humilhando Don Francis em duas oportunidades. Gallo também integra uma controvérsia que se arrastou por anos de investigação, assumindo para si uma descoberta compartilhada com o Instituto Pasteur, na França. Em 1987, os governos francês e estadunidense firmaram acordo dividindo os créditos das pesquisas referentes à descoberta do *Human Immunodeficiency Virus*, o HIV. Apenas em 2002, entretanto os dois cientistas envolvidos, Gallo e Luc Montaigner (Patrick Bauchau, no filme), assinaram uma série de artigos na revista **Science** sobre as descobertas realizadas na década de 1980 e produzidas pelo laboratório estadunidense e pelo Instituto francês. Embora o tema seja incômodo, sua abordagem é relevante e se apresenta ainda atual, quando refletimos sobre o campo das humanidades, e o da História em especial, sendo utilizado com fins escusos por negacionistas que buscam refutar a ocorrência do Holocausto provado pelo nazismo, das mortes e da violência provocadas pelas ditaduras militares instaladas na América Latina, como é o caso da brasileira, iniciada com o Golpe de 1964.

A epidemia de HIV/Aids pode ser abordada a partir das controvérsias de pesquisa, da incapacidade da ciência de encontrar com rapidez as respostas necessárias para impedir que um vultuoso número de pessoas morra. Ela também pode ser observada a partir daquelas e daqueles que pereceram nesse longo caminho. Ao analisarmos essa epidemia, sobretudo ao considerarmos seu surgimento nos Estados Unidos da América, é impossível desconsiderar o estigma impingido à população homossexual, da qual faziam parte a maior parte dos doentes naqueles anos 1980. Em reunião dos órgãos de saúde com a comunidade gay, o jovem Bobbi Campell (Donal Logue), que estampava cartazes sobre a doença e era, por isso, bastante conhecido, se levanta e diz:

Bobbi Campbell: – Durante muitos anos as pessoas da minha cidade natal diziam que eu era uma anomalia por causa da minha preferência sexual. Até que cheguei a San Francisco e encontrei uma comunidade de anomalias, como eu! (gritos: – Nós Estamos juntos! Bem unidos!) Levou muito tempo, mas finalmente forçamos este pequeno lugar no universo a entender que como e onde temos sexo, é por nossa conta. Para outros não sofrerem como nós. Pode lhes parecer engraçado, mas sei que falo pela maioria. Prefiro morrer como um ser humano do que viver como uma anomalia.



Figura 9: Bobbi Campell discursando. **And the band played on.** Fonte: HBO, 1993.

Em outra sequência, Don Francis, acompanhando Jim Curran em visitas a hospitais, se encontra com um ator transformista acamado, ligado a um fornecedor de oxigênio e com grande número de manchas roxas espalhadas em sua face e braços (sarcoma de Kaposi), Brandy Alexander (Stephen Spinella). Brandy usa de humor para falar com Don, mas está obviamente entristecido. Ao lhe oferecer suas fotos em shows, lhe diz: “– Aqui, olhe meu book. Quando eu ainda era humano.”. Enquanto o médico vê as fotografias, Brandy brinca com um cubo mágico, com impaciência contida, e pergunta, referindo-se ao brinquedo, mas deixando entrever que se trata da doença: “–

Por que fazem coisas assim, que ninguém pode resolver?”. Mais uma vez Don Francis se vê indagado sobre os limites da própria ciência, do mesmo modo que em 1976, no início da febre Ebola, quando também não conseguia responder ao jovem que lhe interpelava sobre a doença, ambos em frente a um



Figura 10: Expressão da morte, coreografia feita pelo personagem de Richard Gere, em **And the band played on**.
Fonte: HBO, 1993.

amontoado de cadáveres. Em mais uma sequência o coreógrafo vivido por Richard Gere, percebendo que seus sintomas se agravavam, pede que Mary Guinan lhe procure, o que a médica faz em um dos ensaios do artista. Ele lhe oferece um cheque como doação para que a pesquisa seja feita, representação dos muitos indivíduos e grupos que têm ativamente participado da arrecadação de fundos para pesquisa e para cuidado daqueles que necessitam, muitas vezes abandonados pela família e pelos amigos. Quando Guinan deixa o teatro, assistimos ao coreógrafo observando sua nova criação, expressão do tempo de morte vivido por ele e por tantos mais no período.

And the band played on é um drama, não há dúvida. Mas, apesar da morte, um fato duro daqueles anos, a ciência com muitas dificuldades pôde avançar e oferecer algumas respostas. Se o rigor científico parecia atar as mãos daqueles e daquelas envolvidos no processo, coube a Darrow apresentar a conclusão de seus estudos daquele que ficaria conhecido como “Paciente O”, Gaëtan Dugas (Jeffrey Nordling) e afirmar: “– É o primeiro sinal de uma prova verdadeira.”.

CONCLUSÕES

É o Zé do Brasil na UTI/ Cuidado!/ Cuidado que a vida está por um fio/ Já entrou num estado de coma/ Coitado do Zé do Brasil/ Quem ainda tem sangue/ Vem logo fazer uma doação/ Pra acabar com a gangue/ De vírus que faz essa última corrupção/ O Zé do Brasil já nasceu perdendo a briga/ Porque o leite da sua mãe já tava/ Enchendo a barriga/ Do menino que não era filho da mulher

escrava/ Eta cabra da moléstia/ Sarampo,
Dengue, Câncer, Cárie, Aids.

Zé do Brasil, de Duda e Osvaldo Gregório, na voz de
Edson Cordeiro

As epidemias recentes, especialmente aquelas de HIV/Aids e Covid 19, quando ocorrem em governos conservadores ou reacionários, se tornam ainda mais dramáticas, uma vez que aspectos como condição sexual, gênero, discursos de racialização e classe tendem a ser utilizados no processo de estigmatização da doença/infecção ou no silenciamento sobre elas, o que acarreta, de modo geral, em mortes mais numerosas, discursos de descrédito para com a ciência, descontrole das ações. Nesse compasso de refluxo reacionário e conservador, as práticas de agentes machocratas agem de maneira necropolítica afim de conduzir a manutenção da acumulação de capital por meio do extermínio da diferença.

No tocante à epidemia de HIV/Aids, as pautas morais dos conservadores, representados pelo presidente Ronald Reagan, minaram parte das ações de órgãos governamentais, sobretudo a partir da ausência de financiamentos. Os movimentos sociais da população lgbtqi+, mais organizados a partir dos motins de Stonewall (HALKITIS, 2019) tiveram importante atuação no enfrentamento de tais discursos e práticas conservadoras. Para além, cabe pensar a dimensão da governabilidade e os serviços públicos dispostos nas mãos da iniciativa privada, com vistas à manutenção do caráter neoliberal no ordenamento social e econômico, contrariando pressupostos de democratização da saúde e investimento nas pesquisas científicas. Nos últimos quarenta anos pudemos observar uma oscilação no tocante aos gastos e aos esforços no combate à epidemia de HIV/Aids pautada no caráter ideológico conservador, ao considerarmos o governo de Reagan e seu silêncio, assim como o governo Bolsonaro e seu desejo de desmonte do Sistema Único de Saúde, por ausência cada vez mais crítica de financiamento, e os programas de HIV/Aids especialmente, uma vez que as pessoas que convivem com HIV têm sido caracterizadas por este governo como um fardo econômico que surge a partir de práticas eróticas descontroladas, ou seja, um discurso reacionário que remete àqueles dos fundamentalistas estadunidenses da década de 1980.

O empreendimento de mediações culturais por parte das mídias televisivas e cinematográficas assumem, juntamente com outros campos da produção estética e dos movimentos sociais, a vanguarda na divulgação de informações sobre as doenças e suas respectivas vítimas, na medida em que o estado se abstém de agir no espaço público do

enfrentamento da crise de saúde pública causada pela disseminação do HIV. No caso de **And the band played on** é preciso destacar a abrangência dos sujeitos envolvidos no projeto, desde Randy Shilts, o autor da monumental reportagem que dá origem ao telefilme – do qual ele também é roteirista –, à direção de Spottiswood e ao elenco formado por atores e atrizes de ampla circulação na indústria e junto ao público, aumentando sua possibilidade de impacto social. Há por fim, que se destacar a recorrência de imagens acerca dos desafios da ciência no enfrentamento de vírus e suas respectivas doenças causadoras de epidemias, realizada na obra. Por fim, o papel da ciência e dos movimentos sociais, em contextos de pandemia e governos conservadores/reacionários, deve ser destacado ao se articularem contra para atender aos atingidos, veicularem informações e denunciarem as práticas necropolíticas estatais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIDS Blamed on Acceptance of Gay Life Style. Los Angeles Times, 18 de janeiro de 1986. Disponível em <https://www.latimes.com/archives/la-xpm-1986-01-18-me-953-story.html>. Acesso em 5 dez. 2020.

ALTMAN, Lawrence K. Rare Cancer Seen in 41 Homosexuals. **The New York Times**, Seção A, p. 20, 3 de julho de 1981. Disponível em <https://www.nytimes.com/1981/07/03/us/rare-cancer-seen-in-41-homosexuals.html>, acesso em 20/11/2020.

ARRIOLA, Elvia R. Faeries, Marimachas, Queens, and Lezzies: The Construction of Homosexuality Before the 1969 Stonewall Motins. *Columbia Journal of Gender and Law*, v. 5, n. 1, 1995. Disponível em: <https://journals.library.columbia.edu/index.php/cjgl/article/view/2378>. Acesso em 5 dez. 2020.

EBERWEIN, Robert. Disease, Masculinity, & Sexuality in Recent Films. **Journal of Popular Film and Television**, 22: 4, 1995, pp. 154-161.

ESTADÃO CONTEÚDO. Governo suspende exames de HIV, aids e hepatites virais no SUS. **IstoÉ dinheiro**. 07 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/governo-suspende-exames-de-hiv-aids-e-hepatites-virais-no-sus/> Acessado em: 18 de dezembro de 2020.

FRASER, Nancy. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, v. 14, n.º 2, p. 11-33, 2009.

GOMES, Aguinaldo Rodrigues. Machocracia, negacionismo histórico e violência no Brasil contemporâneo. **Revista Ñanduty**, [S.l.], v. 7, n.º 10, p. 146 a 158, ago. 2019. ISSN 2317-8590. Disponível em:

<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/nanduty/article/view/10303>. Acesso em: 18 dez. 2020.
doi:<https://doi.org/10.30612/nty.v7i10.10303>.

GOODMAN, Walter. BEIRUT. The New York Times, 4 de abril de 1987. In: BOWNE, Alan. **Beirut**. Nova York: Broadway Play Publishing, 1988.

GRUNDMANN, Roy. Longtime Companion. **Cinéast**. Vol. 18, n.º 1, 1990, pp. 47-49. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/41687031?seq=1>, acesso em 20/11/2020.

HALKITIS, Perry N. The Stonewall Riots, the AIDS Epidemic, and the Public's Health. **Am J Public Health**. 109 (6), junho de 2019, p. 851-852.

HART, Kyo-Patrick R. Boldly Representing AIDS Rage, Realities, and Risks: Gay Male Characters and the Boundary-Pushing Films of Gregg Araki. Annual American Men's Studies Association Conference Proceedings; Harriman. Vol. 17, n.º 1, 2010, pp. 94-103. Disponível em <https://search.proquest.com/openview/a51fe55d297b14443b7d3aba42f372c9/1?pq-origsite=scholar&cbl=506319>, acesso em 20/11/2020.

J. Mann, discurso na Assembléia Geral da ONU, 20 de outubro de 1987, New York; The Panos Institute, AIDS and the Third World, edição revista, Londres, The Panos Institute, 1988; R. Sabatier et al., Blaming Others: Prejudice, Race and Worldwide AIDS, Londres, The Panos Institute, 1988. APUD: PARKER, Richard & DANIEL, Herbert. **Aids, a terceira epidemia: ensaios e tentativas**. Rio de Janeiro: ABIA, 2018. KEMPLEY, Rita. 'Parting Glances': A Different Look. The Washington Post, 14 de março de 1986. Disponível em <https://www.washingtonpost.com/archive/lifestyle/1986/03/14/parting-glances-a-different-look/cca5e4ea-6a24-42ad-b5c7-983b42d5a94d/>, acesso em 28/11/2020.

LATOURE, Bruno em entrevista para ROQUE, Tatiana; COSTA, Aylene. Texto 132. São Paulo: n-1 Edições, 23 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/127>, Acessado em: 10 de dezembro de 2020.

LONGO, Ivan. Em meio à celebração do Dia Mundial de Combate à Aids, governo Bolsonaro suspende exames de HIV. Fórum, 7 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=LONGO%2C+Ivan.+Em+meio+%C3%A0+celebra%C3%A7%C3%A3o+do+Dia+Mundial+de+Combate+%C3%A0+Aids%2C+governo+Bolsonaro+suspende+exames+de+HIV.+F%C3%B3rum.+7+de+dezembro+de+2020&aq=LONGO%2C+Ivan.+Em+meio+%C3%A0+celebra%C3%A7%C3%A3o+do+Dia+Mundial+de+Combate+%C3%A0+Aids%2C+governo+Bolsonaro+suspende+exames+de+HIV.+F%C3%B3rum.+7+de+dezembro+de+2020&aqs=chrome..69i57.64619j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8> Acessado em: 16 de dezembro de 2020.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

PEPPER, Shayne et al. **Public Service Entertainment: Post-Network Television, HBO e the AIDS Epidemic**. Raleigh, North Carolina: Communication, Rhetoric, & Digital Media, 2011.

RHODES, John David. Allegory, mise-em-scène, AIDS: Interpreting Safe. In: MORRISON, James (ed.). **The cinema of Todd Haynes – all that heaven allows**. Londres: Walflower Press, 2007, p. 68-78. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=DgRpOlxC50gC&oi=fnd&pg=PA68&dq=Aids+e+cinema&ots=LF78lo9cw&sig=7cEmSMZAJ0V15nqClre3DdFJgc#v=onepage&q=Aids%20e%20cinema&f=false>, Acesso em 1º/11/2020.

RIVERS, Charles (ed.). **The Stonewall Riots: The History and Legacy of the Protests that Helped Spark the Modern Gay Rights Movement.**

ROMÁN, David. Remembering AIDS: A Reconsideration of the Film Longtime Companion. **GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies.** Volume 12, n.º 2, pp. 281-301 Disponível em <https://muse.jhu.edu/article/193882/pdf>, acesso em 20/11/2020.

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora/AIDS e suas metáforas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

STEIN, Marc. **The Stonewall Riots: A Documentary History.** Nova York: NYU Press, 2019.

RECEBIDO EM: 19/10/2020

PARECER DADO EM: 20/11/2020



www.revistafenix.pro.br